

10

É sinto que essa essência combativa também se esforça, por trás das aparências, por unir-se ao meu coração. Mas o corpo insurge-se entre nós e nos separa, o espírito interpõe-se entre nós e nos divide.

11

Qual será meu dever? Romper o corpo; lançar-me à união com o Invisível; impor silêncio a meu cérebro, a fim de ver e ouvir o apelo do Invisível.

12

Trêmulo, vou caminhando à borda do abismo. Duas vozes disputam em meu interior:

13

O cérebro: "Para que perder tanto tempo a perseguir o impossível? Nosso dever está em reconhecer os limites do homem no reduto sagrado formado pelos cinco sentidos."

14

A outra voz — que chamaremos de sexto sentido ou coração — contesta e grita: "Não e não! não admitas jamais as limitações do homem! Rompe esses limites! Nega tudo o que teus olhos vêem; morre, dizendo: 'A morte não existe!'"

28

15

Meu olhar, lícido e desesperado, a tudo contempla. A vida é um jogo, uma peça representada pelos cinco atores de meu corpo.

16

Insaciável e curioso, assisto a ela e não tenho a ingenuidade do aldeão que acredita em tudo que vê, e quer subir ao palco para intervir na comédia sangrenta.

17

Eu sou o faquir, o prestidigitador que, sentado e imóvel na encruzilhada dos cinco sentidos, contempla em si próprio o nascimento e a desapareição dos mundos, e das multidões que se agitam e clamam ao longo das sendas multicores do nada.

18

Coração, ingênuo coração, acalme-se, submeta-se!

19

Mas o coração investe e grita: "Eu sou esse aldeão que sobe à cena para intervir na marcha do mundo."

20

Não raciocino, nem calculo, nem obedeco. Sou o pulsar profundo de meu coração.

29